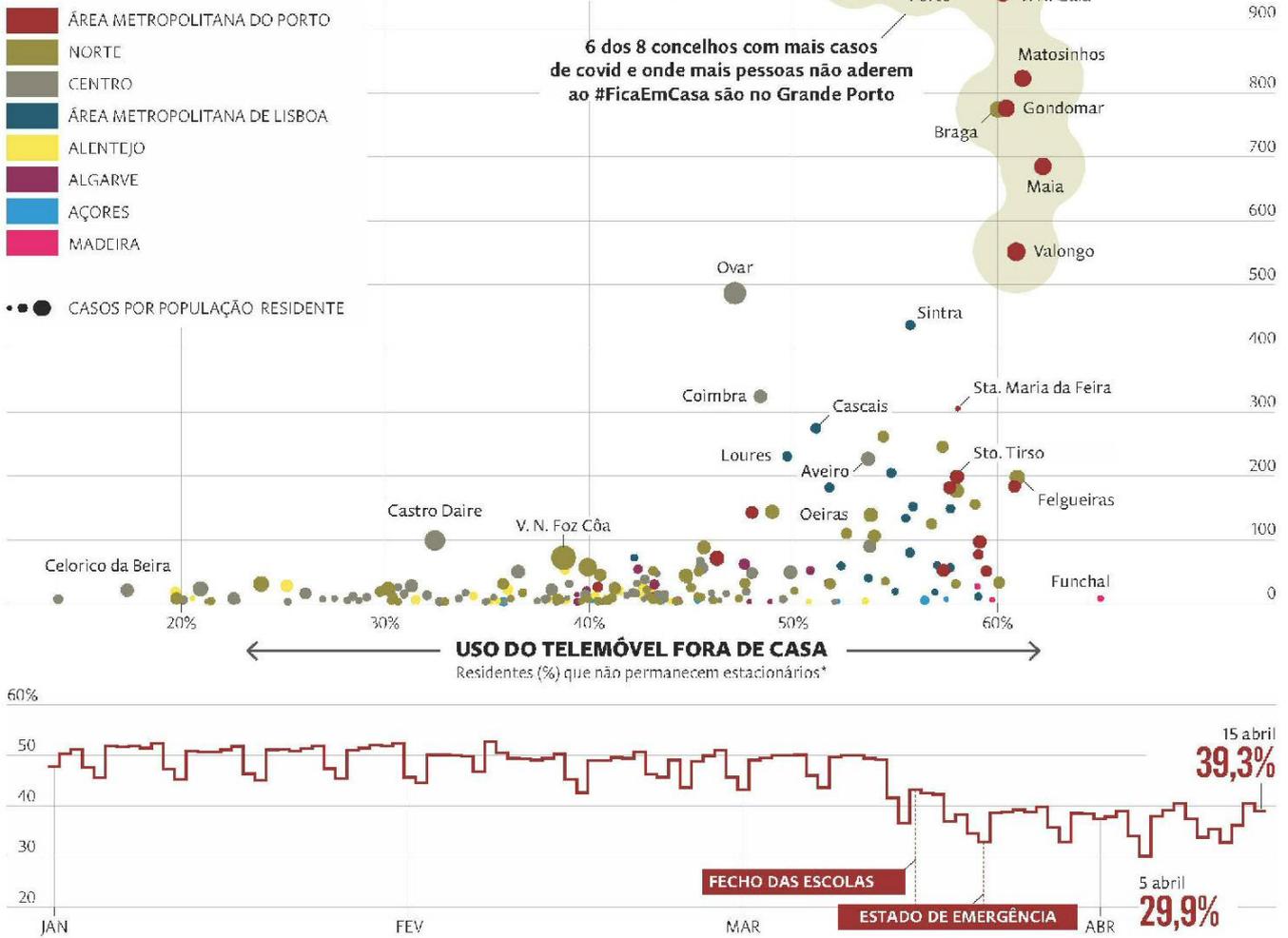


MOBILIDADE

Relação entre o uso do telemóvel fora de casa e os casos de covid-19



FONTES: NOS (TELEFONEIS), DGS (COVID) E POPDATA (POPULAÇÃO)

*ESTACIONÁRIOS - COM EVENTOS NA REDE MÓVEL QUE NÃO EXCEDEM AS 3 CÉLULAS DE REDE/DIA

Ficou-se menos em casa nos concelhos mais afetados

Pesquisa da NOS prova que **concelhos com maior mobilidade têm mais infetados**. Esta semana, os portugueses já começaram a sair mais

Texto **ANABELA CAMPOS**
 e **CHRISTIANA MARTINS**
 Infografia **SOFIA MIGUEL**
ROSA

Só se fala em voltar à normalidade. O novo discurso político aponta para a tal luzinha no fim do túnel, mas quer o Presidente da República quer o primeiro-ministro alertam para a necessidade de reforçar as medidas de isolamento no que resta de abril, sob pena de a liberdade não chegar em maio. Entretanto, os portugueses parecem desmobilizar e já começaram a sair de casa. Os resultados de uma pesquisa inédita revelam, sobretudo, que o nível de confinamento apresenta oscilações diárias. Na terça-feira, 40,4% da população tinha saído de casa; no dia a seguir, o último com dados disponíveis, mais cerca de duas mil pessoas voltaram a resguardar-se. Certo é que, apesar das variações, longe está o pico do confinamento, atingido a 5 de abril, um domingo, quando 70% dos portugueses ficaram em casa.

A pesquisa, a que o Expresso teve acesso exclusivo, foi elaborada pelo operador de telemóveis NOS e é representativa da totalidade do país. Revela, por exemplo, que os concelhos com maior número de infetados, de acordo com os dados da Direção-Geral da Saúde, coincidem com aqueles que revelaram maior mobilidade. Lisboa, Porto, Vila Nova de Gaia, Matosinhos, Gondomar, Braga, Maia e Valongo. Destes, sete estão no Norte.

Alexandre Abrantes, subdiretor da Escola Nacional de Saúde Pública, destaca a dificuldade de se manter o isolamento em áreas onde a atividade económica é mais fabril e agrícola do que dependente de serviços,

como acontece em Lisboa. “Na capital há uma extraordinária concentração de funcionários públicos, por exemplo”, explica. Sublinha ainda o efeito de uma maior densidade populacional no nível de contágio: “O problema está em quantas pessoas alguém que saia encontra pelo caminho.”

40% foi à rua a 14 de abril

A investigação tem em conta a percentagem diária de pessoas que permanecem relativamente estacionárias, ou seja, que não são detetadas na rede móvel por mais de três antenas num mesmo dia, por concelho.

Os sinais de um maior relaxamento começaram a tornar-se evidentes a partir de 14 de abril, quando 59,6% dos portugueses ficaram em casa, o que equivale a menos cerca de dois milhões de pessoas adultas em relação ao dia em que se verificou o maior nível de isolamento. Patamares tão baixos só tinham sido alcançados antes da primeira declaração do estado de emergência: 57,5% a 17 de março, 58,7% no dia 18 e 59,6% a 8 de abril.

Do ponto de vista geográfico, as áreas metropolitanas de Lisboa, com 21,2 pontos percentuais de variação, e do Porto, com 20,9, foram os concelhos onde se registou maior mudança de comportamentos. Os dados revelam justamente que quanto mais densamente povoado é um concelho mais as pessoas passaram a ficar em casa, com a alteração de atitude a intensificar-se a partir de 13 de março. Os Açores foram a região do país que mudou menos de comportamento.

A pesquisa permite constatar ainda que quanto maior é a percentagem de idosos num

concelho, menor é a variação de mobilidade dos habitantes. Nos sítios com mais jovens — entre 10 a 15% da população —, a mudança de comportamentos é mais drástica. “É uma alteração dramática”, assegura João Ricardo Moreira, administrador da NOS e responsável pelo projeto “Covid-19: indicadores de mobilidade”.

O que não se confirmou foram os receios das autoridades quanto aos comportamentos dos portugueses durante os feriados da Páscoa. A generalidade da população manteve o confinamento e o dia 12 de abril (domingo de Páscoa) foi mesmo aquele em que, com-

parado com os dados de 2019, mais pessoas ficaram em casa. E não se registaram movimentações significativas em direção ao Algarve ou junto à fronteira de Vilar Formoso.

Para Jorge Malheiros, geógrafo da Universidade de Lisboa, o que resulta destas informações é que “o ponto de partida antes da pandemia era um país muito desigual, com um litoral mais jovem e ágil, e agora, Portugal está menos desequilibrado, recuou, comportando-se como o interior, mais lento e envelhecido”. E conclui: “O impacto foi mais forte nas áreas mais dinâmicas e houve um alinhamento por baixo. Um mau sinal, portanto.”

Menos 77% de estrangeiros

O estudo da NOS revela ainda que a 14 de abril estavam em Portugal menos 77% dos estrangeiros, em comparação com o mesmo período de 2019. Assim, foram detetados menos 78% de cartões de telemóveis de franceses, menos 82% de espanhóis e menos 84% de britânicos. De cada cinco estrangeiros que estavam anteriormente em território português, só um ficou.

Para o sociólogo João Peixoto “estes números são aflitivos”. O professor do ISEG alerta, porém, para a interpretação que é feita aos níveis de confinamento nacionais, porque ficar em casa pode não ser apenas fruto de uma decisão voluntária, mas consequência da perda de trabalho. Prefere, por isso, abordar as consequências: “São dados preciosos para a saúde pública, que demonstram o que poderia ter acontecido se não tivéssemos ficado em casa.”

Com RAQUEL ALBUQUERQUE
 a campos@expresso.imprensa.pt

Aplicações controlam doentes

As aplicações de telemóveis que permitem seguir a circulação de infetados, como aconteceu em países como a Coreia do Sul, são o tema do momento. Em Portugal, a maioria dos partidos e das lideranças políticas discorda, em nome da defesa de privacidade. No Reino Unido, a polémica instalou-se quando o governo anunciou a intenção de avançar com uma aplicação que permitiria, a quem tivesse sintomas, alertar utilizadores próximos. Grande é a expectativa sobre o projeto que une a Google e a Apple: um rastreio dos contactos de doentes com covid-19. A.C.